

## Entrevista com Agustina Bessa-Luís

EPA - Dentre os últimos livros publicados pela Senhora, há evidente preocupação com aspectos históricos portugueses. O mosteiro, por exemplo, é uma obra sebástica, Florbela Espanca ou Sebastião José retratam figuras importantes da vida portuguesa e assim por diante. A Senhora localiza o fato como uma tendência atual da sua ficção?

AGUSTINA - Não sei se é minha, pessoal, essa tendência ou se está a ser de todos os portugueses. Por que repare-se que os portugueses, homens de letras (não exatamente ficcionistas apenas), estão a recuperar a História. Ou para simplesmente a contemplarem e a darem a conhecer tal como ela nos foi ensinada, ou então para a visitar de novo e haver um reencontro com ela. Porque nós vivemos um momento de grande expectativa em relação ao futuro - não direi desespero - mas expectativa. É um pouco como uma pessoa que tem uma neurose e, para se defender dela, visita a casa paterna. No fundo, esse interes

---

Entrevista concedida a Marlise Vaz Bridi Ambrogi em 17 de janeiro de 1984, na cidade de Porto, onde mora Agustina.

No início de maio deste ano foi atribuído à autora o Grande Prêmio de Novela e Romance da Associação Portuguesa de Escritores por seu Os meninos de ouro, publicado em 1983.

se pela História é, um pouco, uma visita à casa paterna. Como escritora portuguesa que sou, e como tradutora dessa inquietação coletiva, dou-lhe um significado que parece mais demonstrativo, mas que está em todos nós.

EPA - A Senhora consegue datar esse seu interesse mais profundo pela História?

AGUSTINA - A História sempre foi uma preocupação e um gosto meu. Era grande aluna de História que, aos meus olhos, continha todos os elementos do romance - ação, drama - tanto que escritores famosos fizeram romances históricos. Mas gosto de investigar um novo caminho pela História. Hoje, temos uma nova linguagem e acho possível aplicá-la sobre a História. Ela, para mim, não é o que o cronista disse, porque ele era conduzido, pago, orientado para dizer aquilo. Partindo da notícia do cronista, criando, depois, uma atmosfera de investigação (à moda de Sherlock) ligando indícios, lançando hipóteses. Acho que se pode chegar a uma visão da História muito mais interessante.

EPA - É o caso de Sebastião José onde a Senhora realiza uma interpretação da figura do Marquês de Pombal?

AGUSTINA - Sim e também de meu último livro, As Adivinhas de Pedro e Inês, em que opto por essa forma de ver a História, sem deixar de parte a introdução de elementos insólitos nos diálogos, inclusive a própria entrevista em que a imaginação tem uma participação significativa.

EPA - É um modo peculiar do português revisitar a sua História?

AGUSTINA - Suponho que essa maneira de fazer História, ainda que se aplique a um momento especial da vida portuguesa, está a ser uma tendência em todo o mundo. O historiador novo é aquele que vem a fazer uma espécie de discussão da História. Ela não é o acontecimento único, mas o resultante de todas as hipóteses que podem ser levantadas. Hoje, a história é uma ciência e, ao mesmo tempo uma arte.

EPA - E é pelo lado da arte que a Senhora se aproxima da História?

AGUSTINA - Sim, mas também não desprezo a ciência pois o trabalho de investigação tem de existir. No Marquês de Pombal, em Pedro e Inês e na própria Florbela a investigação foi exaustiva.

EPA - É uma paixão pessoal que move a Senhora em direção às suas personagens?

AGUSTINA - Em relação à investigação, sim; em relação às figuras nem tanto. No caso da Florbela, pediram-me que eu fizesse o livro. Sebastião José, fazia trezentos anos da morte do Marquês de Pombal. Em relação ao caso de Pedro e Inês, esse sim escolhi-o eu. Mas não saberia dizer exatamente o porquê. Resultou uma obra polémica, de interpretação pessoal que me agrada muito. De qual

quer maneira, a investigação (que provavelmente vem da mi  
nha ascendência inglesa, algum parentesco com Sherlock)  
faz com que eu persiga todos os caminhos das minhas perso  
nagens.

EPA - Seus projetos incluem outras obras de investigação  
histórica para o futuro?

AGUSTINA - A outra obra que ainda vou escrever, mas que  
para isso tenho de viajar e fazer uma investiga  
ção muito funda, documentá-la muito bem, é um caso que  
foi, em tempos, tratado pelo Camilo Castelo Branco. Passa  
se no século XVI, a seguir a Alcácer Quibir, e é a histó  
ria da Freira de Lisboa, uma mística, estigmatizada, figu  
ra tida por extraordinária em sua época. Os portugueses  
que haviam perdido a sua liberdade, toda sua ingerência  
na Europa, sob a ocupação da Espanha e essa altura, come  
çaram a especular em torno da figura dela, fazendo-a uma  
espécie de Joana D'Arc, tendo-a em contas de libertadora.  
Todos os fatos extraordinários seriam indícios da liberta  
ção portuguesa. Então, Felipe II mandou suspender um pro  
cesso de canonização da Freira, já em andamento, e pôs em  
movimento o Santo Ofício por caso de fraude. Também Camilo  
Castelo Branco o considerou um caso de fraude. Chamava-a  
de a Freira que fazia chagas. Durante muito tempo pensei  
em tudo isso e, ultimamente, pareceu-me que era impossí  
vel pintar as chagas. Era um fato de excessão, um caso de  
mística portuguesa. Através disso, queria estudar todo o  
processo da mística portuguesa que, ao contrário da espa

nhola, está completamente apagada na História.

EPA - Esse assunto pode ser bastante delicado. Como a Senhora pretende tratá-lo?

AGUSTINA - Queria fazer um estudo e uma espécie de reabilitação da figura da Freira. Claro que não vou dar atenção a qualquer esplendor de santidade. Não vou discutir essa questão, mas tratar os fatos como tendo ocorrido de outra maneira. Terei de fazer um estudo muito grande do reinado de Felipe II que me interessa muitíssimo. Os espanhóis nunca entenderam esse rei originalmente português. Tentaram definir a ambigüidade de Felipe II como crueldade, agressividade. Fizeram dele uma figura temível porque não entenderam a ambigüidade. O espanhol é muito diferente do português. O português é sinuoso e o espanhol direto. Tiveram de pôr no Felipe II qualidades e defeitos radicais e ele não tinha essa natureza. Era muito mais um português, filho de portuguesa que era, de tios portugueses. Estudá-lo é essencial para compreender o caso da Freira. Em religião, justamente onde era considerado fanático e em um caso em que ele poderia se aplicar fanaticamente, não hesita e pede o encerramento do processo de canonização.